

## Comemorações do 55º Aniversário do CCS

### Intervenção do Presidente da Direcção proferida a 19/12/09

Quinquagésimo quinto aniversário do CCS, que celebra mais um ano de intensa actividade cultural.

Com a prática de uma “cultura viva”, assente numa actuação artística transversal, didáctica, ousada e eficaz na transformação dos hábitos culturais, o CCS tem vindo a influenciar a dinâmica cultural do nosso concelho e da nossa região.

O projecto cultural do CCS, aprovado neste ano de 2009, tem presente o facto de que a cultura não é apenas um conjunto de expressões artísticas, mas todo o património material e simbólico das sociedades, dos grupos sociais e dos indivíduos; tem presente que a sociedade, grupo social e indivíduo têm um património cultural singular e que esse património reflecte um sistema de valores e um modo de pensar, fazer e sentir próprio, a partir do qual se dá a sua identidade e; tem presente uma visão de cultura para as pessoas e a de uma cultura das pessoas.

Relativamente à primeira (cultura para as pessoas), vimo-la como uma cultura que oferece um conjunto de serviços colocados à disposição das populações: cinema, museus, teatros, espectáculos...; a organização destes serviços, que dependem em geral dos poderes públicos, deve ser o resultado de uma política cultural e, como tal, releva de princípios que deverão estar em discussão permanente, sendo necessário aproximar, o mais possível, aqueles serviços às pessoas, para que exista uma apropriação dos produtos culturais, possibilitando a sua iniciativa, em como a sua participação. O lançamento, digamos, “em pára-quadras”, destes produtos (um espectáculo, uma exposição, um concerto, um festival...) arrisca-se a não deixar quaisquer marcas e a contrariar o sentido daquela cultura. O que deve ser proposto às pessoas, nesta dimensão cultural, é uma sucessão de percursos que contribuam para enaltecer a cultura. Devem ser propostos caminhos que não-de levar, mais tarde ou mais cedo, a arquitectar uma globalização positiva e personificada da cultura, e onde não fique esquecida a dimensão humana dessa mesma cultura. Para que tal suceda, torna-se indispensável que sejam definidos objectivos e estratégias culturais que valorizem o capital humano através da sua qualificação, e que acentuem a capacidade de criação e fruição cultural.

Quanto à segunda (a cultura das pessoas), *Albert Camus* disse um dia: “sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva”. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro.

A cultura das pessoas não se herda! A cultura das pessoas conquista-se! No CCS há espaço para essa conquista.

Foi a cultura, sob todas as formas de arte, de amor e de pensamento, que através dos tempos, capacitou o homem para ser menos escravizado. No CCS as crianças, os jovens, as mulheres e os homens têm oportunidade de aprender a conhecer...aprender a fazer...aprender a conviver... e aprender a ser, o que quer dizer oportunidade de auto-conhecer, de auto aceitar, descobrindo as suas potencialidades e aperfeiçoá-las, descobrindo as suas dificuldades e superá-las, contribuindo, desta forma, para um mundo em que todos sejamos iguais.

A cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida, sendo uma dimensão constitutiva da existência humana. No CCS a dimensão humana da cultura é uma presença constante.

A cultura das pessoas é uma cultura viva, constituída por elementos vindos do passado, (a cultura histórica tem o objectivo de manter viva a consciência que a sociedade humana tem do próprio passado, do seu presente, e de si mesma); é igualmente constituída por influências exteriores e por acções desenvolvidas localmente, exercendo funções importantes na sociedade, procurando, antes de tudo a auto-estima das próprias pessoas, porque esta é a condição “sine qua non” de qualquer forma de realização, quer seja pessoal ou colectiva. Sem um mínimo de consciência do seu valor e das suas capacidades, sem uma confiança serena nos seus recursos e meios, o indivíduo mantém-se inerte e sem voz, no sentido figurado e mesmo, no sentido literal.

Paulo Freire analisando a “cultura do silêncio” que caracteriza as sociedades dependentes e emudecidas, escreveu que “este silêncio e esta apatia resultam, nomeadamente, da perda de auto-estima enquanto sociedade”; se receber, incessantemente, a mensagem de que é atrasada, ignorante, incapaz, não competitiva, preguiçosa, marginal, subdesenvolvida, arcaica..., a sociedade acabará por interiorizar esta mensagem e comportar-se-á em conformidade com esta imagem negativa; pelo contrário, a afirmação do seu valor e do seu potencial propícia a criatividade e a acção.

Ora, no CCS, lutamos contra a “cultura do silêncio” a favor da cultura do espírito, a qual aumenta os sentimentos de dignidade e de independência.

Por muito que nos tentem amedrontar e amordaçar, nós sabemos, no CCS, que somos, digamos, “como os pássaros que, ao pousarem um instante sobre ramos muito leves, os sentem a ceder, mas cantam”! Eles sabem que possuem asas. Nós sabemos o que queremos; nós sabemos por onde vamos.

E sabemos que a cultura das pessoas e a cultura para as pessoas não podem, em qualquer dos casos, separar-se da reflexão a fazer-se sobre o desenvolvimento cultural. Como também sabemos que a dimensão cultural não pode estar ausente

dos projectos de desenvolvimento, sem o que ficariam defeituosos e privados de uma parte da sua eficácia. Nós sabemos.

Como sabemos que a participação é uma necessidade fundamental do ser humano. Através dela o indivíduo realiza, faz coisas e explora o mundo, interage com pessoas, satisfaz suas carências, desenvolve o pensamento reflexivo e sua auto-expressão, cria, recria e valoriza-se perante os outros. Nesse sentido, a frustração da necessidade de participar constitui uma mutilação do homem social.

No CCS, ou por acção do CCS, queremos, desejamos, incentivamos as pessoas a lutar contra aquela frustração, contra aquela castração, motivando-as à participação. E como dizia o poeta:

*Serei tudo o que disserem  
por inveja ou negação:  
cabeçudo dromedário  
fogueira de exibição  
teorema corolário  
poema de mão em mão  
lãzudo publicitário malabarista cabrão.  
Serei tudo o que disserem:  
Poeta castrado não!*

As palavras que acabo de proferir não são só as palavras do Presidente da Direcção do CCS. As palavras que disse são o discurso do CCS e como tal atrevo-me a afirmar que é um discurso competente, já que, “discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceite como verdadeiro e autorizado. O discurso competente é o discurso instituído. É aquele que pode ser resumido da seguinte forma: não é qualquer um que pode dizer, a qualquer outro, qualquer coisa, em qualquer lugar, e em qualquer circunstância”. Este é o discurso da grande família que é o CCS!

Mas... Pablo Picasso costumava dizer: se apenas houvesse uma única verdade, não poderiam pintar-se cem telas sobre o mesmo tema.

Estamos a celebrar o nosso 55º aniversário que, neste ano, se prolongará até Fevereiro de 2010, altura que apresentaremos o nosso sarau anual.

Nesta celebração, não poderíamos deixar de ter presente os muitos associados que, ao longo dos anos, têm dedicado as suas melhores capacidades e generosidade ao bem comum, num gesto altruísta de partilha de valores e interesses, na defesa da valorização cultural e artística.

Queremos, assim, distinguir personalidades, associados do CCS, que tenham contribuído com uma intervenção relevante no âmbito da diversidade cultural que é apanágio desta Associação.

Neste sentido, importa destacar as mulheres e os homens, os grandes amigos do Círculo Cultural Scalabitano, e distinguir aqueles que, entre muitos outros, têm, ou tiveram, sempre presente a defesa dos valores da cultura e da cidadania. É que o grande património do CCS é, sem dúvida, estas mulheres e estes homens! (pausa)

A vida caminha precipitadamente. Perseguiamos alguns esquemas flutuantes ou somos perseguidos por algum medo ou autoridade atrás de nós. Mas, se, de repente, encontramos um amigo, paramos e reflectimos sobre a vida.

Se há associados que, ao longo de uma vida dignificaram o CCS, com a sua acção, com a sua dedicação, com o seu entusiasmo e dinamismo, a Dilma Melo, o Zé Ramos e o João Moreira são, sem dúvida, dos que merecem destaque especial.

Para mim, o mais nobre dos gestos de um Homem é o reconhecimento e a gratidão.

É na simplicidade de actos como este que esta Associação, na sua melhor tradição lhes expressa, solenemente, o nosso reconhecimento e a nossa gratidão.

Durante toda a minha vida, encontrei pessoas difíceis, medrosas, desconfiadas, pessoas corajosas, pessoas incríveis. Nestas últimas duas categorias tenho de incluir a Dilma Melo Nazareth Barbosa.

A Dilma Melo, cuja voz se funde com a sonoridade da Orquestra Típica Scalabitana quase desde a sua fundação, é um símbolo e um valor indiscutível da cultura popular do Ribatejo e do País.

Habituei-me a ver a Dilma da OTS, como uma mulher de fibra e alma vibrante, amiga a toda prova e a qualquer hora.

A Dilma merece todo o reconhecimento e a nossa admiração pela pessoa especial e querida que é.

Dilma: existe em si um brilho, que por mais que eu quisesse, não conseguiria descrever. Esse brilho está ligado ao gostar e, quando admiro a lua... vejo o brilho do luar. Está ligado ao olhar e, quando o sol não aparece, e a chuva vai cair, se a ouço cantar, o trovão lança a semente que faz o céu relampejar. Está ligado ao querer, bem juntinho ao saber, inundado de cantigas e de palavras soltas. Este brilho que não defino, brilha na terra, no mar...É como se fosse um perfume, no mundo todo a exalar...É o mais lindo querer, que se pode vislumbrar... Sendo mulher a todos nós cativa; sendo cantora se conduz altiva, nessas melodias que canta com a alma e coração que a todos encanta!

A Dilma é uma mulher de convicções não abdicando delas. São assim as grandes mulheres e, na nossa orquestra a Dilma foi e é uma grande senhora do canto.

Obrigado Dilma por esse seu cantar, por esse seu gostar, por esse seu... dar. José Ramos, com um longo historial ligado à actividade teatral, integrou o grupo de Teatro Ribalta e foi um dos fundadores do Veto Teatro Oficina, em 1969, com a presença contínua na sua direcção artística. Pertenceu aos corpos sociais do CCS e é um nome reconhecido da expressão dramática no nosso país.

Encontrei-te, pela primeira vez, Zé Ramos, há 39 anos. Foi naquela récita de finalistas em que encenaste “ O Noivado no Dafundo! Conhecer-te e partilhar contigo estes 39 anos foi, sem dúvida do melhor e do mais importante que me aconteceu na vida! Podes não te dar conta disso mas tu influenciaste toda a minha vida, desde a minha maneira de pensar à minha maneira de agir, à minha maneira de ser justo o injusto, à minha maneira de acreditar... de acreditar que sou capaz. Tu ajudaste-me a crescer e a ser homem.

Queria pedir-te desde já desculpa, por esta tão singela homenagem. Não é de forma alguma, a homenagem que mereces. Não é a homenagem a que tens direito. Mas é homenagem que a Família do Circulo Cultural Scalabitano te quer prestar, como associado ilustre, porque te estima, porque te admira, porque te ama e pelo muito que nos deste e continuarás a dar. Ama-te Zé, naquele amor puro e sincero que se sente pelos verdadeiros, pelos autênticos, amigos. Ao longo dos anos que aqui têm passado, soubeste motivar-nos e entusiasmar-nos.

Porque a vida é uma peça de teatro em vários actos e de múltiplas cenas; porque a vida, umas vezes é um ensaio ou um drama, por vezes uma comédia, fica o sentimento de termos aprendido contigo não só a Arte de Talma, mas igualmente, a arte de viver. Obrigado Zé. Obrigado amigo.

Amigo João Moreira: homenagem é uma palavra que define retribuição, honra, agradecimento, tornar público como um acto de gratidão. Fazemos uma homenagem porque amamos e admiramos uma pessoa; para lhe dizer tudo o que ela foi e continua ser para todos nós. Homenagear é uma forma de honrar e de dizer o quanto essa pessoa é especial. João Moreira: é por tudo isto que o consideramos um associado ilustre.

O João Moreira, foi membro integrante do Orfeão Scalabitano, fez parte do grupo de fundadores da Orquestra Típica, tem o seu nome ligado à origem da célebre “Marcha Ribatejana”, original de António Gavino, passou pela Secção de Teatro, pertenceu aos corpos sociais do Círculo e é uma figura que, em Santarém, dispensa apresentações.

Queria aqui sublinhar a importância que o João Moreira teve na vida e no sucesso do Círculo, tendo contribuído para se possa a escrever grandes páginas da história desta Associação. Mas não só: esta singela homenagem também é prestada a um homem que faz parte da história desta cidade; homem de várias paixões e de temperamento arrebatado; homem que teve a capacidade e a coragem de enfrentar os desafios do seu tempo; um homem de ideais e um homem que esteve sempre ao serviço dos outros e da cultura em particular

Quero sublinhar o facto deste nosso amigo ter sempre uma palavra amiga de estímulo, de encorajamento para todos para todos nós.

Obrigado João Moreia por ter enriquecido a vida desta cidade e em especial desta desta Associação.

Sobres estes nossos amigos, vozes mais habilitadas falarão de seguida pelo que desejo a todos as maiores felicidades.

Eliseu Raimundo